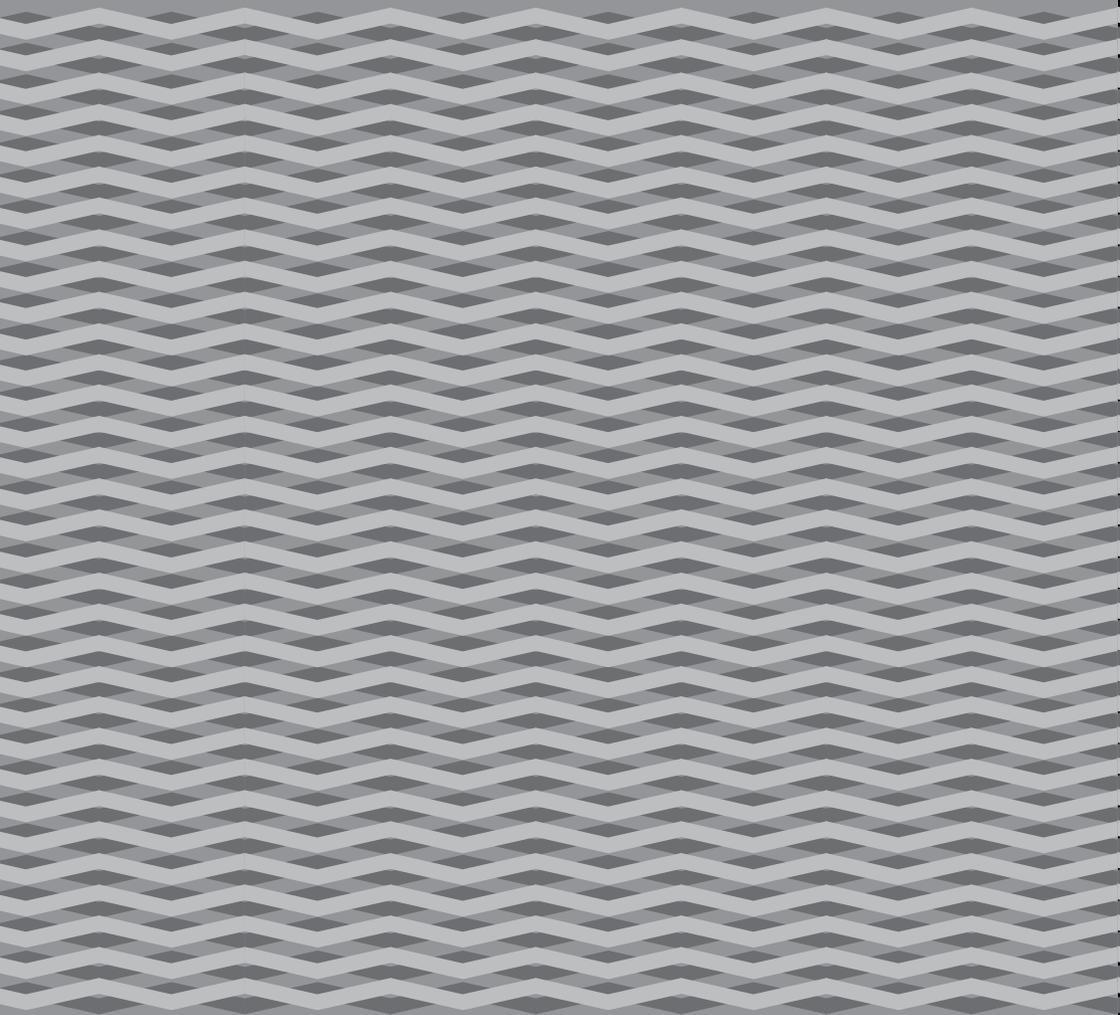


LIVRO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS BORORO



Rede
UFMT - UNEMAT - UFR
Cuiabá-MT | 2022



ORGANIZADORES

André Guilherme Brandão dos Santos

Eglen Silvia Pipi Rodrigues

**LIVRO
DE PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS**
Bororo

Rede

UFMT - UNEMAT - UFR

Cuiabá-MT | 2022

Copyright © Universidade Federal de Mato Grosso - MT, 2022.
A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Equipe de Execução
Ministério da Educação
Universidade Federal de Mato Grosso
Ação Saberes Indígenas na Escola em Mato Grosso – REDE UFMT

Coordenara Geral

Beleni Saléte Grandó

Coordenadora Adjunta

Neide da Silva Campos

Supervisor

Leures Athaide da Silva

Alceu Zoia

André Guilherme Brandão dos Santos

Formador Pesquisador

Micael Turi Rondon

Rosenildo Pereira

Marcio Monzilar Corezamae

Felix Rondon Adugoenau

Lucas Rurio

• **Formador**

• Isabel Teresa Cristina Taukane

• Waldineia Antunes de Alcantara Ferreira

• Eglén Silvia Pipi Rodrigues

• Adriane Cristine Silva

• **Coordenador da Ação**

• Darlene Yaminalo Taukane

• Caimi Waiasse Xavante

• Maria Izabel Rup

• Oscar Wa Raiwe Urebete

• Ronelia do Nascimento

• **Diagramação e Arte**

• José Miguel dos Santos

• Stephany Giovanna Paipilla Fernandez

Editoria | Distribuição

Ação Saberes Indígenas na Escola em Mato Grosso – REDE UFMT

Grupo de Pesquisa Coeduc/UFMT – www.coeducufmt.org

Tiragem: 45 exemplares

Gráfica: VT PRINT

ESTA PUBLICAÇÃO NÃO PODE SER VENDIDA. DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
Dados Internacionais de Calogação na Publicação (CIP)

S2371 Santos, André Guilherme Brandão dos. Livro de práticas pedagógicas Bororo / André Guilherme Brandão dos Santos e Eglén Silvia Pipi Rodrigues (orgs.). – Rondonópolis: UFMT/UFR, 2021.

76 p.: il. – (Coleção Didática “Saberes Indígenas na Escola de Mato Grosso”).

ISBN: 978-65-86743-62-3

1. Povo Bororo. 2. Formação de Professores. 3. Povos Indígenas – Educação. 4. Professores Indígenas – Formação. 5. Saberes Indígenas. 6. Educação – Mato Grosso. I. Título.

CDU 377.8(817.2)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar - CRB1 2037.





**LIVRO
DE PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS**
Bororo

MEC/ Ministério da Educação e Cultura

Esplanada dos Ministérios – Edifício Sede – Sala 300 – Cep: 70047-900 – Brasília-DF

UFMT/Universidade Federal de Mato Grosso

Grupo de Pesquisa Corpo, Educação e Cultura/Faculdade de Educação Física
Programa de Pós-Graduação em Educação/Instituto de Educação
Av. Fernando Correa da Costa, 2.367 – Boa Esperança – CEP: 78060-900 – Cuiabá-MT

UFR/Universidade Federal de Rondonópolis

Programa de Pós-Graduação em Educação/Instituto de Ciências Humanas e Sociais
Avenida dos Estudantes, 5055 – Cidade Universitária – CEP: 78736-900 – Rondonópolis-MT

UNEMAT/Universidade do Estado de Mato Grosso

Câmpus Universitário de Sinop

Av. dos Ingás, 3001 – Jardim Imperial – Cep: 78555-000 – Sinop-MT

Câmpus Universitário de Cáceres

Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGedu,
Cidade Universitária – Bloco I (Atrás do museu)
Av. Santos Dumont, s/n – Bairro DNER – CEP: 78.200-000 – Cáceres-MT

Câmpus Universitário de Juara

Campus de Juara de Educação - Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia
Rodovia Juara/Bransnorte Km 02 – CEP: 78.575-000 – Juara-MT

Câmpus Universitário de Barra do Bugres

Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena
Intercultural (PPGECII)
Campus Universitário Dep. Est. Renê Barbour – Rua A, s/n – Bairro Cohab São Raimundo –
CEP: 78.390-000 – Barra do Bugres-MT

Organizadores

André G. Brandão dos Santos
Eglen Silvia Pipi Rodrigues

Colaboradores

Benilton Pereira Kogebou
Cezar Amin Rondon
Felix Rondon Adugoenau
Graziela Tuopado
Lauro Lopes Leandro Pariko Ekureu
Marcelo Alves Terena Coguipea
Matias Kogueadu
Rayane Barureudo Leandro

Foto da Capa

Claudineia Borobo

Projeto Gráfico

José Miguel dos Santos

Professores autores

Ana Paula Parikokurereudo Apo
Adelina Ikuietaga
Adriano Boro Makuda
Andenilson Betochepe Apo
Aurea Cunha
Aurilene Cunha
Eliane Enemará
Gleidi das Dores Silva
Jamilson Kogue Eiga
Luciene Jakomearegecebado
Mariel M.B.Kujiboekureu
Margarethe Aparecida P. A. Dias
Ronaldo Rutureu
Sandra Francisca Serafim
Valdemar Borobo

SUMÁRIO

ESTA PUBLICAÇÃO POSSUI SUMÁRIO INTERATIVO
PARA RETORNAR AO SUMÁRIO, CLIQUE NO
NÚMERO DA PÁGINA EM CADA SEÇÃO

APRESENTAÇÃO	7
INTRODUÇÃO	12
BAKARU JUKO RÓ <i>Mariel M.B.Kujiboekureu</i>	15
REINO DAS PLANTAS <i>Adelina Ikuietaga</i>	19
AS FAÇANHAS DO MACACO <i>Adriano Boro Makuda</i>	23
A IMPORTÂNCIA DAS FRUTAS DO CERRADO PARA O POVO BOE <i>Adriano Boro Makuda</i>	25
BAI MANAGEJEU (BAITO) <i>Ana Paula Parikokurereudo Apo, Andenilson Betochepa Apo, Ronaldo Rutureu Luciene Jakomearegecebado</i>	29

ADUGO RUGODUI AREDU MARIA JOSE DOS ANJOS UWO PEGAJI -----	33
<i>Luciene Jakomearegecebado</i>	
A LÍNGUA MATERNA NO SEU COTIDIANO -----	37
<i>Margarethe Aparecida Pessoa Amaral Dias e Sandra Francisca Serafim</i>	
NÚMEROS DE 1 A 10 EM BOE BORORO -----	43
<i>Eliane Enemará</i>	
MEMBROS DO CORPO HUMANO EM BOE BORORO -----	56
<i>Jamilson Kogue Eiga</i>	
ECOSSISTEMAS -----	59
<i>Valdemar Borobó</i>	
PARTES DA PLANTA -----	61
<i>Valdemar Borobó</i>	
BABAÇU - A IMPORTÂNCIA PARA A CONSTRUÇÃO DOS OBJETOS DA CULTURA BORORO -----	65
<i>Gleidi das Dores Silva</i>	
FRUTAS DO CERRADO -----	69
<i>Aurea Cunha Aurilene Cunha</i>	

APRESENTAÇÃO

COLEÇÃO DIDÁTICA SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA EM MATO GROSSO

O Projeto Ação Saberes Indígenas na Escola (ASIE/ MEC) em Mato Grosso se constituiu em 2016 como Rede de Instituições de Ensino Superior (públicas) com o convite da Coordenação do Programa do Ministério da Educação (Secadi/MEC) sob a coordenação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT de Cuiabá). Para composição da Rede UFMT, as professoras Beleni Grandó¹ (PPGE) e Áurea Santana² (PPGEL) convidam as professoras Marly Augusta Magalhães da UFMT de Barra do Garças, Ema Marta Dunck-Cintra do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT de Cuiabá) e os colegas da Universidade do Estado de Mato Grosso

¹ Professora Doutora em Educação e Pós-doutorado em Antropologia Social, vinculada à Faculdade de Educação Física e ao Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha de Pesquisa Movimentos Sociais, Políticas e Educação Popular, na qual orienta mestrado e doutorado na temática da educação indígena e da educação intercultural e formação de professores indígenas. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Corpo, Educação e Cultura (Coeduc/PPGE/UFMT/CNPQ).

² Professora Doutora em Linguística, vinculada ao programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem na Linha de Pesquisa: História, Descrição, Análise e Documentação de Línguas Faladas no Brasil, na qual orienta Mestrado e Doutorado na temática das línguas indígenas, da educação intercultural e da formação de professores indígenas. Coordenadora do Grupo de Estudos, Descrição e Documentação de Línguas Indígenas (GEDDELI/PPGEL/UFMT/CNPQ).

(Unemat de Sinop e Juara), professores Alceu Zoia e Waldinéia Ferreira. Em novas composições participaram na segunda edição o professor Maxwel Miranda da UFMT-Barra do Garças e a Professora Eglen Rodrigues, que se manteve no projeto vinculada à Universidade Federal de Rondonópolis (UFR).

Nesta rede interinstitucional, sem sucesso, buscamos muitas vezes efetivar parcerias oficiais com a Secretaria de Estado de Educação e com o Conselho de Educação Escolar Indígena de Mato Grosso, mas isso não impediu compromissos assumidos por professores vinculados aos Centros de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica (CEFAPROs) de Tangará da Serra, Cuiabá e Barra do Garças, como Hellen de Souza, Neide da Silva Campos e Oscar Wa Raiwe Urebete e às Assessorias Pedagógicas em momentos específicos de Rondonópolis, Santo Antônio do Leverger, Barra do Garças e Cáceres.

Contamos ainda com o trabalho de muitos professores indígenas que atuaram como mediadores institucionais, além de assumirem, conforme os diferentes papéis assumidos no Projeto junto ao SIMEC/MEC: professores pesquisadores, formadores, orientadores pedagógicos e cursistas. E institucionalmente, contamos oficialmente com as Secretarias Municipais de Educação (SEMECs) de Sapezal, com a professora Maria Margarete Valentim e de Campo Novo do Pareci, com a professora Míriam Kazaizokairo.

Como parte do Programa de Formação Continuada de Professores Indígenas o Projeto vinculou-se ao Ministério da Educação a convite da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI/MEC), a Rede ASIE UFMT, se estruturou em três etapas: a primeira de 2017-2018, a segunda de 2018-2019, esta, de 2020-2021. Em todas foram realizadas formações em parceria com pesquisadoras e pesquisadores das IES, das secretarias de educação e dos povos indígenas envolvidos. Com as formações, os professores indígenas em cada aldeia e escola, elaboraram seus materiais didáticos que foram publicados também em três edições. A primeira assumida pela Unemat de Sinop, MT publicou os livros dos Povos Apiaká, Kayabi, Mebêngokrê-Kayapó, Munduruku e Terena; a segunda pela UFMT e IFMT, a “Coleção Saberes Indígenas na Escola”, com a Editora da UFMT, publicou oito volumes dos livros: Bororo, Balatiponé/ Umutina, Chiquitano, Xavante, Paresi-Haliti e Paresi-Waymare, Wakalitesu/Nambikwara e Manoki/Irantxe, e o volume 9 com textos que avaliam o Projeto da Rede UFMT e do Programa ASIE, como política nacional específica para os povos indígenas do Brasil.

As professoras e professores em Mato Grosso, em diferentes funções no Projeto ASIE Rede UFMT, efetivaram ações de forma solidária para além da institucionalização formal, garantiu em parcerias fundamentais de professoras e professores formadores,

pesquisadores, orientadores e docentes das escolas indígenas envolvidas a formação em ação e a produção de materiais didático – livros didáticos que atendem aos professores e estudantes das escolas indígenas.

Nesta terceira etapa do Projeto ASIE da Rede UFMT/MEC, constituída pela UFMT de Cuiabá, a Unemat de Sinop e Juara e pela UFR (Rondonópolis), temos o prazer de apresentar a Coleção Didática “Saberes Indígenas na Escola de Mato Grosso”, que resulta deste trabalho comprometido de professores, orientadores, formadores e pesquisadores indígenas de cada povo que garantiram a organização de livros didáticos que atendem cada realidade, considerando os desafios enfrentados em tempos tão complexos, pois foram elaborados coletivamente dentro do período de pandemia pelo Covid-19.

Essa realidade complexa e cheia de contradições e limitações socioeconômicas e políticas, em 2020 envolveu as pessoas do “Saberes Indígenas” luta cotidiana travada para garantir a vida e a saúde dos anciões e das famílias em cada aldeia, seja com a construção de barreiras sanitárias, com as lutas pela comida, pelo enfrentamento às queimadas e pelo permanente acirrado avanço dos invasores de seus territórios e suas organizações orgânicas, espirituais e políticas tradicionais. Também neste cenário, os professores indígenas enfrentaram em Mato Grosso o desafio das burocracias do controle do trabalho remotamente sem as condições mínimas

de acesso aos recursos tecnológicos, a limitação das contratações que agravou ainda mais as condições de sobrevivência digna das redes familiares, o adiamento dos cursos de formação inicial e as mudanças de estrutura de apoio das secretarias de educação no assessoramento necessário para o desenvolvimento das atividades profissionais nas escolas das aldeias.

Os resultados conquistados “a duras penas” por todas as pessoas envolvidas diretamente e indiretamente no processo de elaboração e produção desta coletânea, portanto, explicita a força e capacidade dos “guerreiros da caneta” que mesmo em condições totalmente adversas, efetivaram o Esperançar freiriano, ou seja, não esperaram as condições para fazer, assumiram para si e de forma coletiva, a ação de fazer o melhor e juntas às pessoas de suas comunidades e da equipe de sustentação e apoio fora delas, elaboraram seus materiais didáticos para atender ao desafio de continuar a ensinar e aprender numa perspectiva dialógica dos saberes e das práticas que constituem a sala de aula e a educação escolar em direção dos avanços que as epistemologias indígenas apontam para a Educação Intercultural, Bilíngue, Específica e Diferenciada, para cada aldeia, para cada povo.

Cuiabá, MT, outubro de 2021

Beleni Saléte Grandó
Neide da Silva Campos
Áurea Cavalcante Santana

INTRODUÇÃO

Este Livro de Práticas Pedagógicas do Professor é fruto de trabalho desenvolvido através da Ação Saberes Indígenas na Escola (ASIE), da UFMT em parceria com UFR. Para compreender a constituição desta publicação, é necessário retomar uma sequência de debates e um curso ministrado pelo professor Félix Rondon Adugoenau oferecido pela ASIE no primeiro semestre de 2021.

Neste curso pôde-se fazer uma linha do tempo, percorrendo a história da educação escolar indígena, desde os tempos de “integração” até a atualidade. Passamos pela Legislação Federal, vinda após a Constituição Federal de 1988, na qual reconhece os processos próprios de educação. Foi discutida a legislação escolar estadual, a partir das portarias e instruções normativas. Percorreu-se os fundamentos do Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar, buscando apresentar o que é, quem faz parte, o que cabe a cada membro e também sua importância na gestão escolar. Ao refletir sobre a gestão, ainda na formação, os educadores discutiram sobre a importância do Regimento Interno e do Projeto Político Pedagógico (PPP), e a necessidade de caracterizar o ser *Boe*¹ dentro do PPP, para que nossas

¹ Autodenominação do grupo étnico, chamado de Bororo pelo colonizador. Nesta publicação foi respeitada a maneira escrita pelos autores: Boe, Bororo ou Boe Bororo, bem como a variação na acentuação.

ações possam ter sustento com base legal, sem deixar de lado a estreita ligação com a comunidade.

Paralelamente ao curso, ocorria o retorno gradual da rotina presencial nas escolas devido aos avanços na vacinação contra a Covid-19. No início de 2021, em Meruri, começaram os plantões pedagógicos, mas rapidamente foram suspenso, em agosto foi previsto o ensino híbrido, com 50% (cinquenta por cento) do total da turma comparecendo presencialmente. Mas vendo este desfecho, os educadores perceberam a necessidade de criar planos de aulas, ou ainda, sugestões de atividades, voltados para os saberes ancestrais, como foi amplamente discutido na formação do professor Félix.

Tendo em vista que a cada ano, por conta de atribuições que são feitas a partir de pontos, os professores não são fixos com suas matérias, com esta publicação será possível gerar modelos que podem atender não só o professor que elaborou, mas auxiliar os demais colegas que poderão se inspirar nestes planos para pensarem nas atividades com seus os educandos. Desta forma, este material foi fruto de um trabalho colaborativo dos próprios educadores, de diferentes aldeias Boe Bororo, com grande colaboração do pesquisador Félix Adugoenau e apoio das professoras Eglén Silvia Pipi Rodrigues e Beleni Saléte Grando. Ao dar este passo para se iniciar um acervo de atividades para os professores, ressaltamos que os planos aqui apresentados não estão fechados para a simples reprodução, mas são abertos para pensar novas possibilidades de reformulação conforme as especificidades de cada escola, comunidade, grau de aprendizagem e também considerando a idade dos

estudantes. Que o compartilhamento, a solidariedade, o *Mori*, sejam constantemente fortalecidos no ambiente escolar. Que possamos criar mais possibilidades pedagógicas que atendam nossos amigos estudantes.

Lauro Lopes Pariko Ekureu
André Guilherme Brandão dos Santos



Foto de: Orestes S. Rondon Uwororeu

BAKARU JUKO RÓ

Professor *Mariel M.B.Kujiboekureu*
Escola Estadual Indígena Sagrado Coração de Jesus



EEI Sagrado Coração de Jesus

Foto de: Lauro Pariko Eukureu

Devido ao contexto histórico de contato, a cultura Bóe foi bastante afetada, principalmente na língua tradicional, ganhando um destaque negativo. Portanto entre outros fatores que a colonização conseguiu desenvolver seus objetivos e isso fez modificações estruturais na cultura *boe* da T. I. Meruri.

Nesse contexto é primordial vivenciar alguns pilares da cultura bororo, sendo usado a ferramenta da escola para repassar esse conhecimento. Através disso construir uma memória cultural mais próxima do que acontecia no passado, ou seja, na pedagogia Bóe. E para tal, será usado o *Bakaru* referido acima.

OBJETIVOS

- Retirar elementos como valores, valores de convivência; uma parte principal da cultura bororo é o “cuidar” que será trabalhado nesse *Bakaru*;
- Trabalhar sobre a teimosia, malandragem, a arte de enganar através da fala onde muitas pessoas podem ser comparados ao macaco, ao *kurugo* ou a onça; trabalhar a parte do conhecimento sobre a mata, cerrado, distância, tempo, domínio do fogo, domínio no cozinhar, origem de nomes próprios de um determinado sub-clã, e etc. Quando os alunos verem esses animais na natureza eles irão lembrar deles na história do *Bakaru* e lembrar de toda a contextualização que a história traz, ou seja, construindo uma memória cultural bororo.

PROCEDIMENTOS

- A partir da leitura do *Bakaru Juko Ró*, página 78 do livro 1 da Coleção Saberes Indígenas na Escola - Bororo, os alunos farão desenhos dos animais que estão na história do *Bakaru*.
- Buscar uma comparação do *kurugo* e o *juko* em algum momento em que alguém foi teimoso e não acreditou nos avisos.
- Produzir um texto ou na oralidade comparar pessoas, fazendo exemplos onde o comportamento se assemelha em muito com o *juko* e o *adugo*.

REFERÊNCIAS

ADUGOENAU, Feliz Rondon (Org.). *Bo erudu Iware Jiboe, Iage, “Boe Erudu Iwadu Eda Bai” Kaedu Bapera: Ação Saberes Indígenas na Escola – Asie, Ó Maragodae Keje Bapera Reo*”. Cuiabá: EdUFMT, 2019.



EEI Korogedo Paru

Foto Benilton Kogebou

REINO DAS PLANTAS

Professora *Adelina Ikuietaga*
Escola Estadual Indígena Sagrado Coração de Jesus



EEI Piebaga

Foto de: Rayane Barureudo Leandro

OBJETIVO

- ▣ Trabalhar o conhecimento científico e o conhecimento tradicional
- ▣ Despertar o estudante para a pesquisa
- ▣ Trabalhar a escola e comunidade pela pesquisa
- ▣ Explorar os conteúdos do livro

PROCEDIMENTO

- ▣ O aluno deve realizar a classificação de frutas a partir do conteúdo do livro, o nome científico e algum conhecimento adicional;
- ▣ Realizar leitura das páginas 123 à 126, do livro 1 da Coleção Saberes Indígenas na Escola – Bororo;
- ▣ Elaborar uma tabela com três colunas e inserir o máximo de plantas com as informações obtidas durante a pesquisa;
- ▣ Realizar pesquisa com nome científico;
- ▣ Pesquisar em casa sobre mais conhecimentos a adicionar;
- ▣ Após a tabela feita, realizar apresentação do trabalho.

REFERÊNCIAS

ADUGOENAU, Feliz Rondon (Org.). *Bo erudu Iware Jiboe, Iage, “Boe Erudu Iwadu Eda Bai” Kaedu Bapera: Ação Saberes Indígenas na Escola – Asie, Ó Maragodae Keje Bapera Reo*”. Cuiabá: EdUFMT, 2019.

Modelo com exemplo

Fruta	Conhecimento do Livro Saberes	Conhecimento Científico	Conhecimento a adicionar
Algodãozinho Kimao	Fruta pequena arredondada, amarelada quando madura, superfície externa enrugada. Comestível, e sabor adocicado	Nome científico <i>Cochlospermu regium</i>	Com a embira é extraída para espantar maus espíritos



Fotos de: Andrya Kiga

AS FAÇANHAS DO MACACO

Professor *Adriano Boro Makuda*
Escola Estadual Indígena Sagrado Coração De Jesus

OBJETIVOS

- ▣ Valorizar a história da cultura Bóe e principalmente de perpetuar os ensinamentos transmitidos pelos nossos anciões e anciãs conhecedores da nossa cultura e, também, o trabalho realizado nesse sentido pelos professores no livro “Coleção Saberes Indígenas na Escola- Bororo vol.1”.

PROCEDIMENTO

- ▣ Transmitir verbalmente a história “AS FAÇANHAS DO MACACO”.
- ▣ Entrega dos exercícios de fixação a respeito da história contada em aula.
- ▣ Tirar dúvidas dos alunos.

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

- 1 Quais as personagens que aparecem na história contada?
- 2 Por que a canoa afundou? Explique.
- 3 Qual é o nome do peixe que o macaco pegou?
- 4 Por que a onça não conseguiu pegar o fogo que o macaco pediu para ele?
- 5 O que a onça fez para derrubar o macaco da árvore?
- 6 Como o macaco matou a onça? Explique.
- 7 O que o macaco fez com a pele da onça?
- 8 Escreva o que você achou de cada um dos personagens contado na história.

REFERÊNCIAS

ADUGOENAU, Feliz Rondon (Org.). *Bo erudu Iware Jiboe, Iage, “Boe Erudu Iwadu Eda Bai” Kaedu Bapera: Ação Saberes Indígenas na Escola – Asie, Ó Maragodae Keje Bapera Reo*”. 1ª edição. Cuiabá: EdUFMT, 2019.

A IMPORTÂNCIA DAS FRUTAS DO CERRADO PARA O POVO BÓE

Professor *Adriano Boro Makuda*
Escola Estadual Indígena Sagrado Coração De Jesus

OBJETIVOS

- Resgatar e valorizar os princípios do bem viver, sem depreciar e ferir a natureza.

PROCEDIMENTOS

- Fazer a leitura do texto em sala.
- Entrega dos exercícios de fixação a respeito da leitura do texto e o livro “Coleção Saberes Indígenas na Escola vol.01” para consulta
- Tirar dúvidas dos alunos.

TEXTO PARA LEITURA COM OS ALUNOS

“Para nós Bóe, a natureza e nós somos um só espírito, ou seja, ambos vivem pelo outro e depende do outro para sobreviver. Dessa forma, é preciso resgatar e valorizar os princípios do bem viver, sem denegrir e ferir a natureza.

O livro *Coleção Saberes Indígenas na Escola vol. 01* descreve de forma simples e profunda a vida do bem viver do povo Bóe Boróro. É demonstrado o jeito, o modo, o ser e o fazer do povo em uma sintonia com a natureza, que está pautada no equilíbrio do mundo material e espiritual, na dimensão da visão de mundo.

Neste livro, das páginas 24-47, demonstra-se uma riqueza que ultrapassa os limites do bem material e vai para o espiritual do povo Bóe, pois ela descreve a respeito das frutas que existem no cerrado. Frutas que são consumidas em suas devidas épocas e que são, também, levadas para determinadas cerimônias culturais, como por exemplo o ritual fúnebre, festa do milho, festa da onça, casamento tradicional, batizado tradicional e outras festividades, aliás, algumas dessas frutas são remédios e muitas delas fazem parte de contos históricos do povo Bóe. Memória viva de nosso povo Bóe Boróro.

Assim sendo, esse bem viver, não está sendo respeitado e muito menos valorizado pelas autoridades e empresas. Pois, o capitalismo desenfreado está apagando

os princípios do bem viver e se voltando para os lucros adquiridos por meio de desmatamentos desenfreados das florestas, com a exploração da madeira, com o agronegócio, somados às construções de grandes empreendimentos, a exemplo das PCH (Pequena Central Hidrelétrica) que afetam os rios, a terra trazendo o desequilíbrio ao bem viver de um todo.

O povo Bóe Boróro que vive na Terra Indígena Meruri busca preservar e valorizar a história da cultura Bóe e o seu território demarcado e homologado. Contudo, o território passa por impactos por degradação ambiental, tanto ao entorno, como internamente da TI Meruri. Exemplo, queimadas causadas pela mão do homem, extração ilegal de madeira, invasão de não indígena na terra e ameaças de construção de hidrelétrica e etc.

Portanto, estes impactos tanto no âmbito geral, quanto no âmbito interno da T.I. Meruri vem destruindo todo um jeito de viver do povo Bóe. A memória do povo Bóe que, por sua vez, está ligado com a natureza estão correndo risco de se acabar, porque quando é desmatada, ou queimada o cerrado, ou outras formas de degradar o meio ambiente, acaba com as frutas do cerrado, assim, quando se perde uma das frutas mencionadas no livro, também, perde-se a memória, pois a ligação entre o Bóe e a fruta foi destruída. ”

EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

- 1 Quais os nomes das frutas que aparecem no livro “coleção Saberes Indígenas na Escola Vol.1” (p.24-47)?
- 2 Quais os tipos de degradação ambiental estão ocorrendo na T.I. Meruri?
- 3 A degradação ambiental está ocorrendo somente na T.I. Meruri? Explique.
- 4 Por que é preciso preservar o meio ambiente?
- 5 Quem são os conhecedores da cultura Bóe?
- 6 Como é o bem viver do povo Bóe? Explique.
- 7 Qual o prejuízo que o fogo pode ocasionar para T.I. Meruri e para o povo Bóe?
- 8 Escreva na sua opinião o que deve ser feito para a proteção das frutas do cerrado descrito no livro.

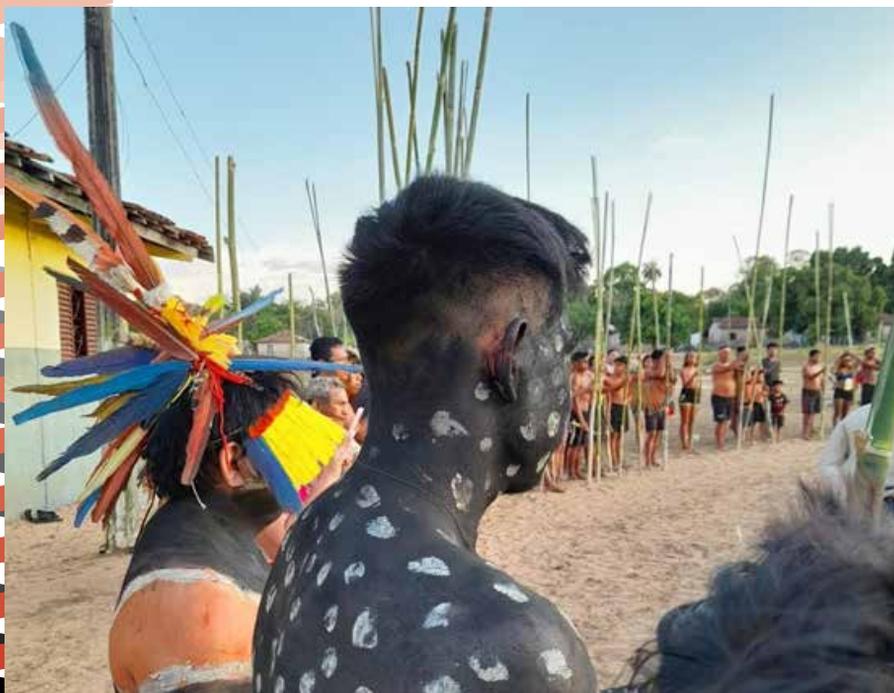
REFERÊNCIAS

ADUGOENAU, Feliz Rondon (Org.). *Bo erudu Iware Jiboe, Iage, “Boe Erudu Iwadu Eda Bai” Kaedu Bapera: Ação Saberes Indígenas na Escola – Asie, Ó Maragodae Keje Bapera Reo*”. Cuiabá: EdUFMT, 2019.

BAI MANAGEJEU (BAITO)

Professores *Ana Paula Parikokurereudo Apo,*
Andenilson Betochepa Apo, Ronaldo Rutureu
e Luciene Jakomearegecebado.

Escola Estadual Indígena Piebaga- Sala Anexa



OBJETIVOS

- Levar a importância e o respeito que o povo Bororo tem com o *bai managejeu*, relacionando com os seguintes conteúdos matemáticos:
- A aplicação dos numerais na língua materna e tradução na língua portuguesa;
- A interpretação e resolução de problemas matemáticos (adição e subtração);
- O ensino as formas geométricas que se usa para a construção do *baito*;
- O trabalho com metragem;
- A quantidade de matéria prima usada para a construção do baito (esteio, linha, caibro, palha e *kodokora*).

PROCEDIMENTO

- Trazer um ancião para uma roda de conversa com os alunos sobre o tema;
- Levar os alunos para conhecerem o baito (nas aldeias que não tem *baito*, pode ser em casa que tenha a mesma estrutura do *bai managejeu*);
- Trabalhar a leitura dos numerais em bororo (individual e coletivo);

- Trabalhar a escrita dos números na língua materna;
- Trabalhar problemas de adição e subtração relacionado ao tema;
- Confecção de uma maquete do *bai managejeu* (dos alunos com a ajuda do professor e ancião).
- Para esta atividade, sugere-se o uso de papel pardo, pincel atômico, canetinha, tesoura, régua, trena, prego, barbante, cola fria, cola quente, recursos eletrônicos.
- A avaliação deve ser um processo cotidiano e na vivência. Levando em conta o respeito com colegas, professores e anciãos.



Foto de: Gleidi das Dores

ADUGO RUGODUI AREDU MARIA JOSÉ DOS ANJOS UWO PEGAJI

Professora *Luciene Jakomearegecebado*
Escola Estadual Indígena Piebaga- Sala Anexa



EEI Koge Eiare.

Foto de: Graziela Tuopado

OBJETIVOS

- Fazer com que os alunos conheçam e valorizem a história dos nossos antepassados;
- Reconheçam o valor que a onça (adugo) tem para o nosso povo *boe*;
- Desenvolver a tradução da língua bororo;
- Desenvolver na escrita da língua bororo e também na língua portuguesa;
- Ampliar o conhecimento das histórias da onça pintada (*adugo*);
- Interagir e socializar com os demais colegas de turma;
- Desenvolver a habilidade de desenhar;
- Refletir sobre a extinção da onça pintada (*adugo*) e vários outros valores da cultura bororo.

PROCEDIMENTOS

- Realizar roda de leitura com o texto *Adugo Rugodui Aredu*, de Maria José dos Anjos Uwo Pegaji, disponível no Livro 1 da Coleção Saberes Indígenas- Bororo;
- Convidar um ancião para contar uma história em que a personagem principal é adugo;

- Pesquisar em livros, na internet e com os mais velhos da aldeia para coletar mais histórias sobre a onça e a Festa do Couro da Onça;
- Trabalhar com a construção de pequenos textos ilustrados, com orientação de ancião da comunidade, sobre a onça pintada (*adugo*) e a Festa do Couro da Onça, em dupla ou em grupo;
- Produção de cartazes com os textos ilustrados pelos alunos acerca da importância da onça pintada (*adugo*) para cultura boe bororo;
- Pesquisar além da onça pintada quais são os animais da nossa região que estão ameaçados de extinção: produzir um cartaz com desenhos feitos pelos alunos e com os nomes na língua portuguesa e língua bororo;
- Trabalhar a tradução de frases do bororo para o português retirada do texto trabalhado (*Adugo rugodui aredu*, de Maria José Dos Anjos Uwo Pegaji)
- Os alunos apresentarão para a turma, comunidade escolar ou mesmo para a comunidade da aldeia todos os trabalhos e cartazes confeccionados durante o desenvolvimento do tema. Que os mesmos sejam apresentados pelos alunos.

- Os alunos estarão sendo avaliados, continuamente durante todo o processo, através da observação diária no desempenho das suas atividades, no relacionamento com colegas, professor e anciãos.

REFERÊNCIAS

ADUGOENAU, Feliz Rondon (Org.). *Bo erudu Iware Jiboe, Iage, “Boe Erudu Iwadu Eda Bai” Kaedu Bapera: Ação Saberes Indígenas na Escola – Asie, Ó Maragodae Keje Bapera Reo*”. Cuiabá: EdUFMT, 2019.



Foto de: Graziela Tuopado

A LÍNGUA MATERNA NO SEU COTIDIANO

Professoras *Margarethe Aparecida Pessoa
Amaral Dias e Sandra Francisca Serafim*

Escola Estadual Indígena Piebaga.



Foto de: Margarethe Dias

Qualquer grupo social humano elabora e constitui um universo completo de conhecimentos integrados com fortes ligações com o meio em que vive e se desenvolve. Entendendo cultura como o conjunto de respostas que uma determinada sociedade humana dá as experiências por ela vivida e aos desafios que encontra ao longo do tempo, percebe-se o quanto as diferentes culturas são dinâmicas e estão em contínuo processo de transformação.

É necessário reconhecer e valorizar a identidade étnica específica da sociedade indígena em particular compreender suas línguas e suas formas tradicionais de organização social de ocupação da terra e de uso dos recursos naturais. Isto significa o respeito pelos direitos coletivos e a busca do convívio pacífico por meio de um intercâmbio cultural, com as diferentes etnias.

OBJETIVOS

- ▣ Alfabetizar as crianças, jovens e adultos em suas comunidades através de experiências diárias em sua língua materna (bororo), por meio de atividades enriquecidas com ludicidade previamente planejadas pelo educador que proporcionará o exercício das trocas simbólicas entre as crianças, jovens e adultos no cotidiano como forma de consciência das ações realizadas.

PROCEDIMENTOS

- Através de textos indígenas do livro Saberes Indígenas vol. 1, escolha uma história com frases repetidas, rimas ou um enredo que os alunos já conheçam.
- Leia devagar e com um sorriso ou um aceno de cabeça. Além disso, deixe os alunos perceberem que eles devem interagir e participar.
- À medida que as crianças se familiarizarem com a história, pare e dê a elas a chance de preencher os espaços em branco e as frases.
- Para turmas alfabetizadas, encoraje os alunos a lerem sozinhos. Dessa forma, as crianças irão eventualmente memorizar partes da história ou imitar a sua leitura. Esta é uma parte normal do desenvolvimento da leitura.
- Pendure um cartaz em branco na parede da sala de aula.
- Peça aos alunos para inventarem uma lista de palavras. Assim, pode ser uma lista de tarefas ou de brincadeiras. Em seguida, diga as palavras em voz alta. Por fim, cuidadosamente, diga a letra inicial de cada item.
- Imprima, recorte ou desenhe letras em tamanho grande. Geralmente, as letras maiúsculas são mais fáceis para as crianças pequenas aprenderem primeiro.

- Deixar cada aluno contribuir com os itens da lista. Além disso, ajudá-los a formar as letras e soletrar as palavras.
- Colar as letras iniciais e escrever as palavras completas da lista escolhida no cartaz.

OUTRA OPÇÃO DE ATIVIDADE

- Olhar jornais e revistas. Encontrar uma foto interessante e mostrá-la enquanto você lê a legenda em voz alta.
- Criar um scrapbook (em português, livro ou álbum de recortes). Cortar fotos de pessoas e lugares e rotulá-las com as letras iniciais.
- Por fim, transformar este material em um lindo cartaz para a sala de aula.
- Ao expor os alunos a palavras e letras com frequência, eles começarão a reconhecer as letras do alfabeto. Assim, o mundo das palavras se tornará mais amigável.



Foto de: Margarethe Dias

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADUGOENAU, Feliz Rondon. (Org.). *Bo erudu Iware Jiboe, Iage, “Boe Erudu Iwadu Eda Bai” Kaedu Bapera: Ação Saberes Indígenas na Escola – Asie, Ó Maragodae Keje Bapera Reo*. Cuiabá: EdUFMT, 2019.

BRASIL, Ministério de Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais 1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental: Linguagem*. Brasília, DF: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

FERREIRO, Emilia. *Reflexões sobre alfabetização*. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. em três artigos que se complementam. 29 ed. São Paulo: Cortez, 1994. 84 p. (Coleção Questões da Nossa Época, 13)

GRIZZI, D. C. S. ; SILVA, A L. da. A filosofia e a Pedagogia da Educação Indígena: um resumo dos debates. In: COMOISSÃO PRÓ=ÍNDIO. *A Questão da Educação Indígena*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

COMO TRABALHAR A LEITURA E A ESCRITA DE FORMA LÚDICA EM SALA DE AULA? 5 IDEIAS PARA INSPIRAR. *Árvore*, 28 de julho de 2021. Disponível em: <<https://www.arvore.com.br/blog/como-trabalhar-leitura-escrita-forma-ludica>> Acesso em: 03/10/2021

NÚMEROS DE 1 A 10 EM BÓE BORORO

Professora *Eliane Enemará*
Escola Estadual Sete de Setembro

OBJETIVOS

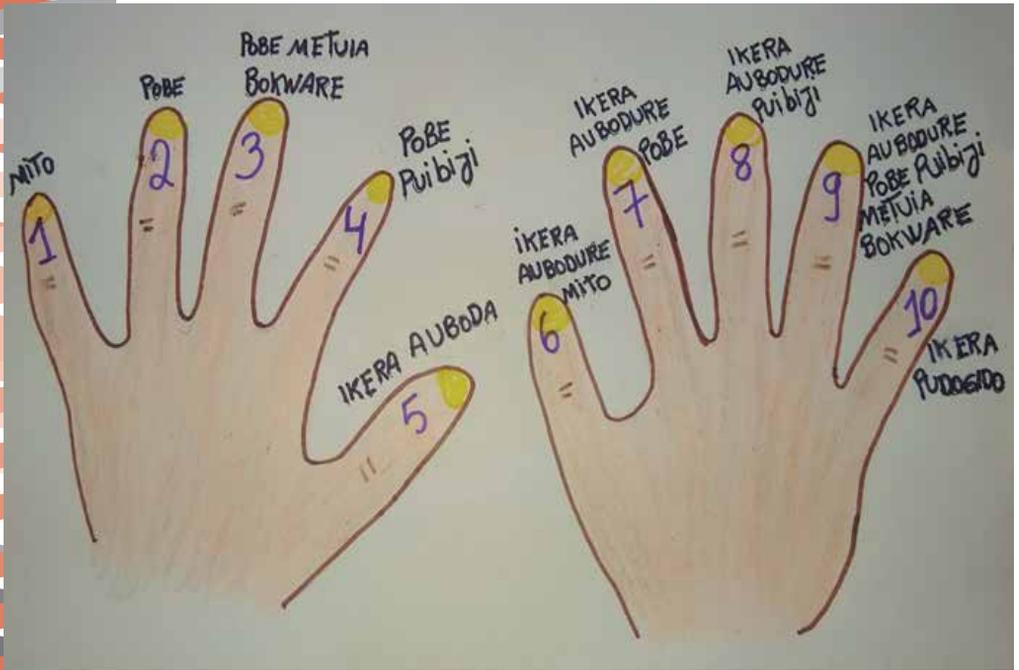
- Conhecer os números de 1 a 10 na língua materna

PROCEDIMENTOS

- Será feita uma pesquisa na comunidade sobre como se fala e escreve os números na língua *boe*;
- Correção ortográfica dos números
- Atividades propostas para os alunos em sala com a escrita dos números e ilustração da quantidade referente relacionado a natureza.

Bei magiedae pagra padojivo

1 3 8 2
5 4 7 10
6 9 8





2 - POBE

↓



3 POBE METUIA BOKWARE



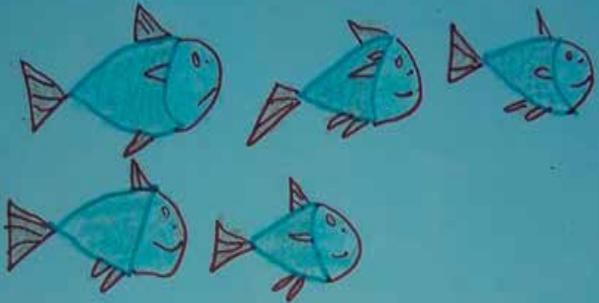
KIE EWIAREU

4-POBE PUIBIJI

AKÓ



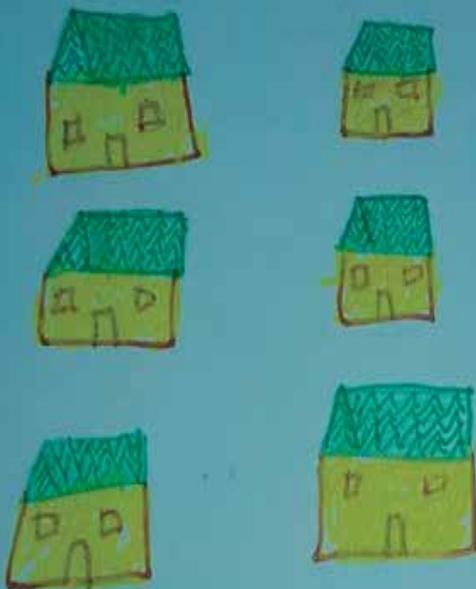
5_ IKERA AUBODA



KARO

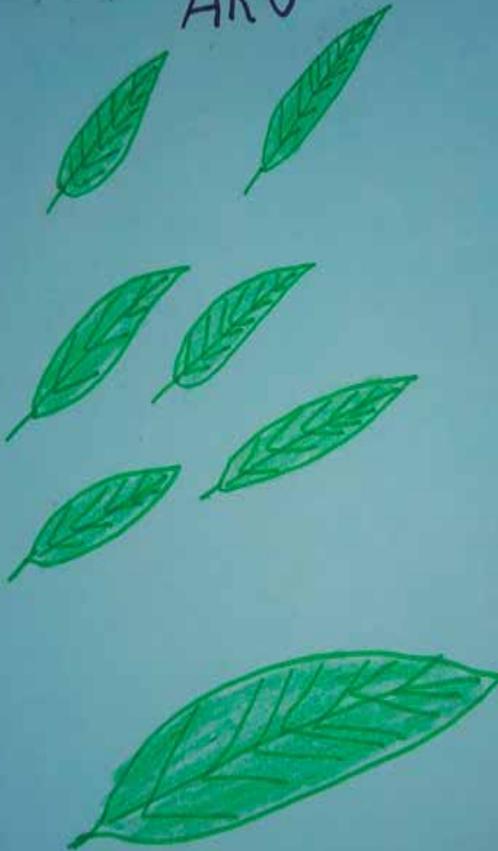
6- IKERA AUBODURE MITO

Bai



F_IKERA AUBODURE POBE

ARU



8 - IKERO AUBODURE POBE PUI BLJI

JOKU



9 - IKERA AUBODURE POBE PUIBIJI
METUIA BOKWARE

ARI



10. IKERA PUDOJIDO

KARO



MEMBROS DO CORPO HUMANO EM BÓE BORORO

Professor *Jamilson Kogue Eiga*
Escola Municipal Leosídio Fermau

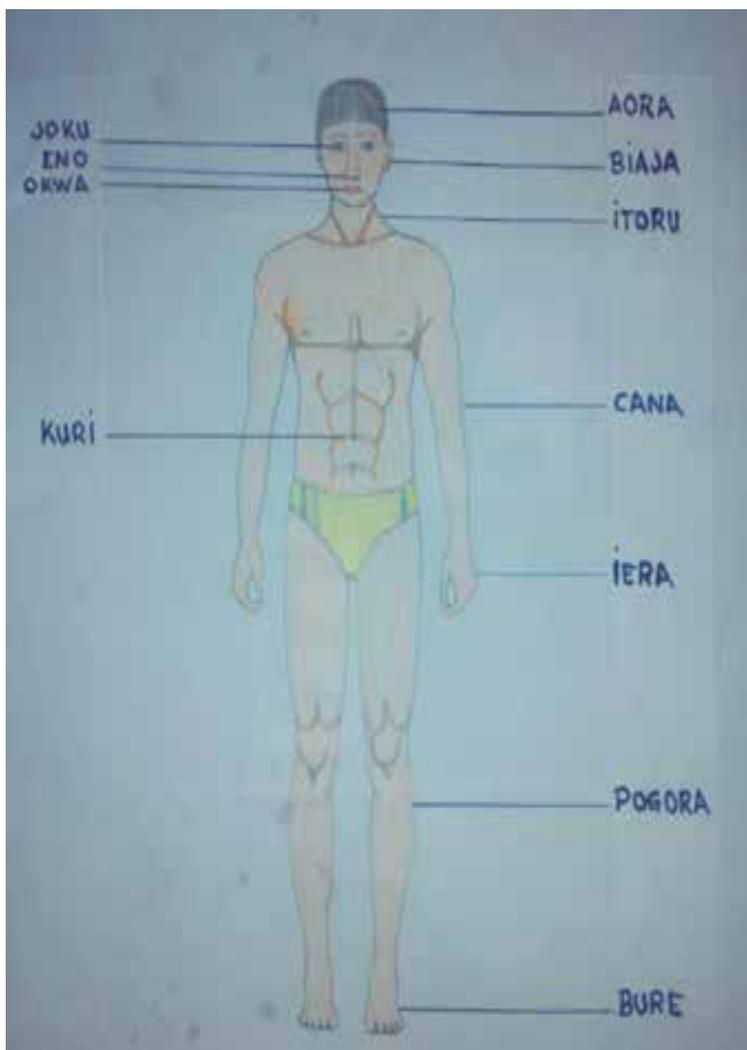
OBJETIVO

- Conhecer os membros do corpo humano na língua materna

PROCEDIMENTO

- Será feita uma pesquisa na com os anciões da comunidade sobre como se fala e escreve os membros na língua *boe*;
- Atividades proposta para os alunos em sala com a escrita dos nomes dos membros e na ilustração do corpo humano.

EXEMPLO DE ATIVIDADE





Professores entregando atividades.

Foto de Lauro Pariko Ekureu

ECOSSISTEMAS

Professor *Valdemar Borobó*
Escola Estadual do Campo 7 de Setembro

OBJETIVOS

- Investigar nos livros de ciências da natureza sobre ecossistema do Cerrado e do Pantanal
- Compreender e valorizar os animais que viver neste local.

PROCEDIMENTOS

- Cada aluno irá escolher um animal para desenhar, irá fazer o recorte do desenho e irá colar na cartolina todos animais desenhados.
- Os alunos irão escrever nome de cada animal nas duas línguas (português/bororo).
- Após a confecção na cartolina, será feita uma exposição do trabalho e o momento da leitura coletiva.

PARTES DA PLANTA

Professor *Valdemar Borobó*
Escola Estadual do Campo 7 de Setembro

OBJETIVO

- Investigar nos livros de ciências da natureza sobre as partes da planta

PROCEDIMENTOS

- O professor fala sobre as partes da planta.
- Os alunos devem observar e anotar tudo que foi falando.
- Pesquisar com alunos nos livros de ciências sobre o assunto do estudo.
- Cada aluno escolhe uma parte da planta para desenhar.
- Os alunos deverão escrever o nome de cada parte da planta nas duas línguas (português/bororo), com o auxílio do professor.

- Fazer exposição deste trabalho de ciências na parede da sala.
- Momento da leitura coletiva nas duas línguas.

Partes da Trama 13/03/2011

RAIZ UKWA

Ukwa kaka a umede de tumugudo potoke se mate pipi tumu nense i mate naka do mate Tada.



CAULE i itura

Anhe i itura kaka umede tumugudo potoke tumu ahu, oku, anaga kaka de ahu famedu, umede tumugudo ahu potoke anhe i itura na, itura ka tuda sa ahu uce.



FOLHA ARU

Aru umede tumugudo de tumu ahu kaka potoke, tumu tumu mate do tumu tumu danda, tumu tumu potoke mate potoke umede tumu mate famedu tumu tumu tumu ahu pipi.



Partes da planta.

GALHO

Itura koiare umede
tugra bararedo arui,
Okuyi, tuduyi, jameto
umede boe tugude arui
xdu mede itura tada,
barige eda mede boe
tugu tada.

FLOR

Itura oku pyire tu-
durebae botu mede, ja-
medu a botu mede
nonu a pyire enogu
botu mede, tudumek
tere boe tada. Kaku
barige kuge umede
kenuyi amore ure.

FRUITO

Kurodurebae tadore
a miture. nonu kuro-
durebae boe mede
jado a miture tada
Barige kuge jamedu
umede jado turo o ke-
wuyi tere boe tada.

Uter Sumare sila 7^o 100

01/09/21

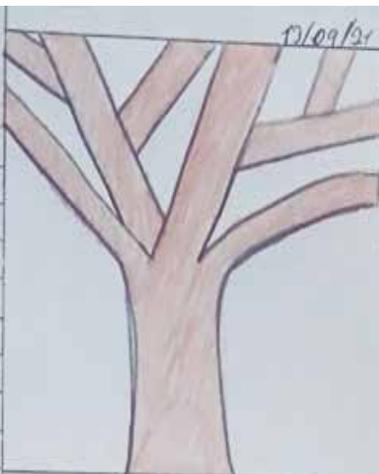




Foto de Lauro Pariko Ekureu

BABAÇU: A IMPORTÂNCIA PARA A CONSTRUÇÃO DOS OBJETOS DA CULTURA BORORO

Professora *Gleidi das Dores Silva*
Escola Estadual do Campo 7 de Setembro

OBJETIVOS

- ▣ Valorizar a natureza em que vive;
- ▣ Compreender o ciclo das plantas por meio de demonstração até a colheita e a fabricação dos objetos.

PROCEDIMENTOS

- ▣ Apresentação para os alunos de um texto sobre uma palmeira de babaçu e sua serventia para a cultura;
- ▣ Os alunos farão pesquisa com anciões de como é feito e qual a sua serventia para a cultura;

- Farão desenhos ilustrativos dos objetos e pequeno texto falando sobre a sua utilização.



TEXTO PARA LEITURA

NOIDO ITO REO

Awu noido ito umode boe pemegadu.

Boe emode tuwai towuje tabo, Boe emode tuwai ao bu tabo, Boe emode tuwai paru mi tabo, Boe emode toro towuje tabo.

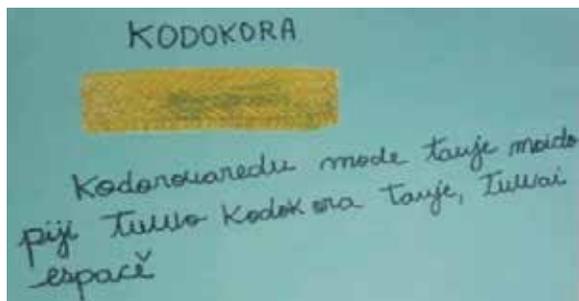
Areme emode kodo, kodo okora, Baku, kodorabo
towuje. Oinore Boe erore awu...

Texto de Gleidi das Dores

Observação de Felix Adugoneau:

I = árvore (da mata, porque o tronco é reto e longo); **Ipo** = árvore do cerrado (porque é retorcido e com casca grossa); **Ito** = estipe (para palmeiras porque não há galhos e as folhas ficam na ponta); **Iwara** = vara (porque pode envergar); **Iwo** = colmo (cana de açúcar, taquara, taboca); **Boebutu** = capim.

I, ipo, ito, iwara iwo e boebutu são substantivos comuns.



KODORABO



Aradura umode Kodorabo torije
tulle kuroduseebes, joigi tadari tuge
aku Kodorabo to.

PARIKIBOTO



Aradura umode naida ero torije
tulle parikiboto torije tulle akurikido
pudui, tomaregeduji, toriduji ia tulle
magii tulle jorugo jomde aino

FRUTAS DO CERRADO

Professores *Aurea Cunha*
Aurilene Cunha

OBJETIVOS

- Construir conhecimentos; incentivar o uso da língua *boe* através da dinâmica, do aprender brincando;
- Despertar o prazer pela aprendizagem de forma lúdica;
- Identificar os nomes das frutas do cerrado na língua materna;
- Desenvolver o raciocínio rápido e da memória fotográfica nos jogos;
- Promover a interação entre alunos, desenvolver a concentração
- Incentivo à valorização e uso da língua;
- Trabalhar a ortografia, verificar o vocabulário da criança;
- Favorecer o estímulo cognitivo, auxiliar na compreensão e na aprendizagem do significado das palavras;

PROCEDIMENTOS

Aula expositiva sobre as frutas do cerrado, seguida da aplicação de atividades como caça-palavras, palavras cruzadas, jogo da memória, estudo dirigido e pinturas.

ATIVIDADE 5 DA CARTILHA DE ATIVIDADES

BIE

KURUDUREBOE

Q	R	H	B	G	D	X	Q	D	X	G	R	T	L
J	V	L	T	S	P	Z	L	O	K	K	H	O	Q
I	X	J	V	H	T	P	C	I	H	O	J	T	Y
B	O	L	A	R	O	E		E	T	U	J	E	D
A	E	G	M	R	S	Z	C	E	Y	Z	O	Q	F
W	E	N	A	Q	D	B	U	K	N	T	K	A	E
I	D	X	T	N	P	F	V	A	N	P	P	M	W
T	U	W	O	R	O	R	A	E	G	V	A	R	F
L	N	R	Z	A	J	U	D	K	A	R	A	E	I
R	B	I	E		K	U	R	U	D	U	L	D	G
T	H	U	B	Z	O	K	R	F	K	B	W	Z	R
F	J	C	P	Q	J	V	M	I	N	J	S	E	B
S	N	C	E	T	M	Q	C	S	Y	O	F	I	M
C	B	I	E	Q	L	T	U	G	E	R	A	G	O

www.educolorir.com

AROE ETUJE - BIE - BIE KURUDU - TUGERAGO - TUWORORAE

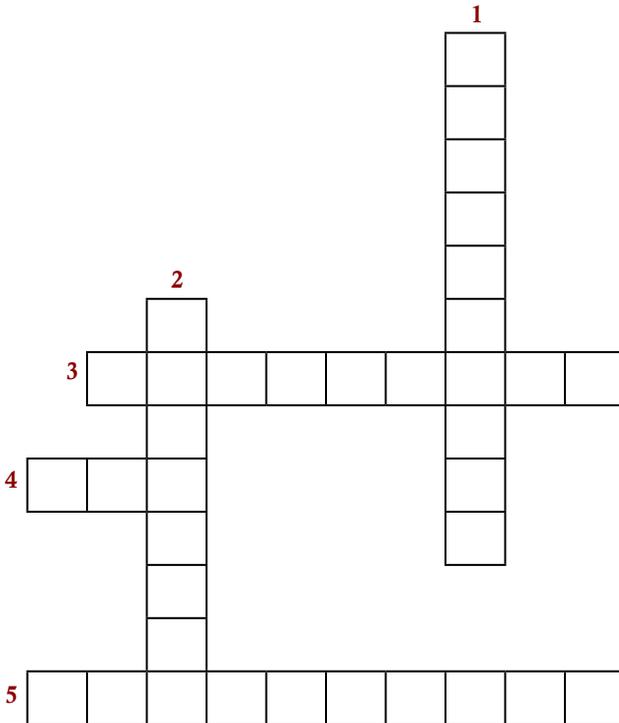
TARU KURUDUREBOE

E	B	A	R	E	G	E	F	C	B	L	S	N	P
P	Y	X	P	C	H	L	D	X	Y	Z	N	P	F
B	E	E	A	A	N	L	P	D	T	Y	B	E	H
M	Y	W	T	I	B	S	C	A	R	E	M	E	I
C	J	I	Z	V	B	F	Z	X	K	U	F	J	W
K	L	H	Y	T	B	Z	W	F	Y	O	D	J	Y
N	I	P	H	J	E	R	I	R	E	H	U	Z	Z
M	R	R	X	C	G	K	Y	X	Q	J	F	T	P
B	I	T	A	R	U	W	C	A	P	M	B	M	A
I	K	I	G	Y	X	H	D	T	U	S	T	B	X
Q	A	L	P	Y	M	V	L	M	C	D	M	W	V
O	N	C	X	F	Y	U	W	M	F	D	P	B	O
L	T	U	B	F	B	E	T	U	R	E	G	C	F
N	A	K	H	B	T	I	L	S	A	X	L	F	R

www.educolorir.com

AREME - BAREGE - BETURE - JERIRE - TARU

BIE
KURUDUREBOE



Horizontal

TUMORORAE

BIE

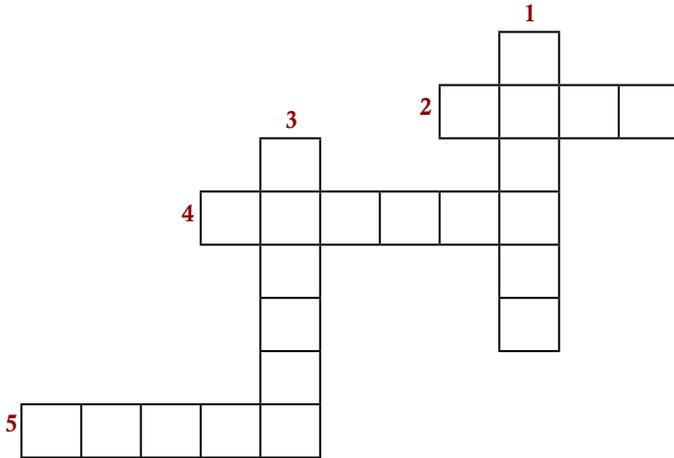
AROE ETUJE

Vertical

BE KURUDU

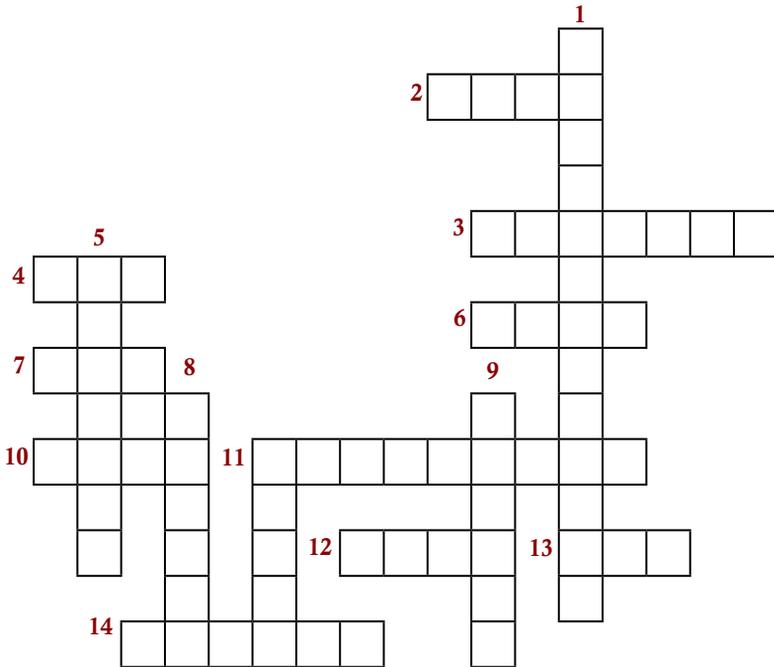
TUGERAGO

TURU
KURUDUREBOE



- 1 BAREGE
- 2 AREME
- 3 BETURE
- 4 JERIRE
- 5 AREME

FRUTAS DO CERRADO



- 1 - Jokukuie
- 2 - Bato
- 3 - Bokwado
- 4 - Eko
- 5 - Kuimare
- 6 - Boio
- 7 - Bie
- 8 - Rumaga
- 9 - Jeporo
- 10 - Taru
- 11 - Kurucereu
- 12 - Apaeo
- 13 - Ako
- 14 - Parori

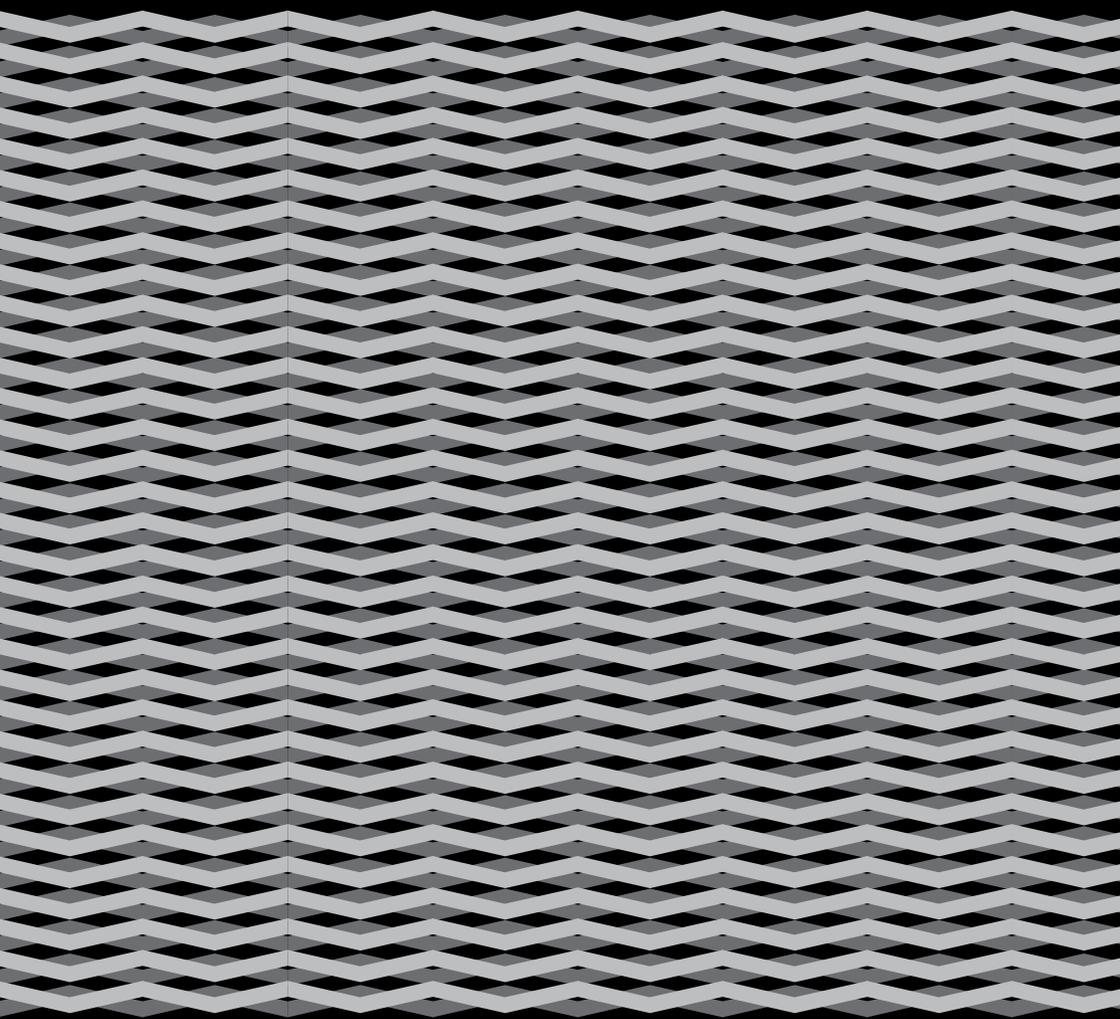


Foto: José Ramsses dos Santos Couso



Fotos: José Ramsses dos Santos Couso





ISBN: 978-65-86743-62-3



RESUMO

A Coleção Didática “Saberes Indígenas na Escola de Mato Grosso”, resulta do trabalho comprometido de professores, orientadores, formadores e pesquisadores indígenas em parceria com não indígenas vinculados às IES que constituem a Rede ASIE-UFMT: UFMT (Cuiabá), Unemat (Sinop e Juara) e UFR (Rondonópolis), em sua terceira edição. Nesta etapa incluímos 11 novos livros aos 14 já publicados pelo Projeto Ação Saberes Indígenas na Escola realizado com apoio do MEC. Os livros são dos professores indígenas para suas respectivas escolas: Apiaká, Kayabi, Mebêngokrê-Kayapó, Munduruku, Terena, Bororo, Balatiponé/Umutina, Chiquitano, Xavante e Kurâ-Bakairi. O trabalho expressa a força do Esperançar indígena em tempos tão complexos e sombrios, enfrentados coletivamente no período de pandemia pelo Covid-19. Os livros, como material didático voltado à realidade sociocultural e linguística, visam valorizar epistemologias próprias como direito à Educação Intercultural, Bilíngue, Específica e Diferenciada para cada aldeia e Povo Originário.

Beleni Saléte Grando

Coordenadora do ASIE – Rede UFMT



UNEMAT
UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SINOP



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

